

Tales Faria

Lula torce por Bolsonaro

É grande a torcida no Palácio do Planalto e no Alvorada pela recuperação plena e rápida do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Isso mesmo! Tudo o que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) não quer é que Bolsonaro se transforme num mártir capaz de definir o resultado da eleição presidencial sem participar da campanha.

Foi o que aconteceu na eleição de 2018, quando Adélio Bispo dos Santos atingiu o candidato Bolsonaro com uma facada durante comício em Juiz de Fora (MG). O agressor acabou considerado inimputável (doença mental) pelo Justiça e, portanto, isento de pena criminal. Ele cumpre medida de internação por tempo indeterminado, permanecendo preso no presídio federal de Campo Grande (MS).

Bolsonaro passou o resto da campanha internado, não precisou participar de mais nenhum debate, nos quais vinha se saindo mal. Considerado, então, um mártir da ultradireita, acabou derrotando seu

adversário da época, o petista Fernando Haddad. Lula havia sido preso pela Operação Lava Jato.

Agora Bolsonaro não é candidato. Mas colocou em seu lugar o filho Zecro-Um, senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que, na avaliação dos assessores de Lula, será o grande beneficiário de um eventual processo de transformação do pai, no imaginário do eleitorado, novamente em um mártir.

Além de desejar a plena recuperação, a equipe de Lula também torce para que o ex-presidente fique bom rapidamente. A demora dele no hospital, segundo os auxiliares de Lula, beneficia a campanha de Flávio Bolsonaro.

Segundo boletim médico do hospital DF Star divulgado na manhã deste domingo, o ex-presidente permanecerá internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para “tratamento de pneumonia bacteriana bilateral decorrente

de episódio de broncoaspiração”. Ele não tem previsão de alta do hospital e nem mesmo da UTI.

Seu quadro clínico, “evoluiu com estabilidade clínica e melhora da função renal, porém com nova elevação dos marcadores inflamatórios no sangue. Em decorrência destas alterações, houve necessidade de ampliar a cobertura dos antibióticos”.

Não está dito com todas as letras, mas o quadro não é bom. Esta é a 3ª pneumonia enfrentada pelo ex-presidente. Segundo médicos, é a mais severa até o momento. O cardiologista Leandro Echenique, um dos que assinaram o boletim, afirmou na sexta-feira (13) que houve risco de morte do ex-presidente pela infecção, mas que a agilidade da internação e o início imediato do tratamento reduziram o perigo.

Assim que for dada alta a Bolsonaro, sua família e seus advogados pretendem dar entrada no Supremo Tribunal Fe-

deral (STF), em novo pedido de prisão domiciliar com base em seus seguidos problemas médicos.

Em 15 de janeiro o ministro Alexandre de Moraes autorizou sua transferência de uma sala na Superintendência da Polícia Federal para uma cela especial na chamada Papudinha. Trata-se de uma área do 19º Batalhão da Polícia Militar de Brasília reservada para policiais e militares condenados e outras autoridades, onde já estão o ex-ministro Anderson Torres e o ex-diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal (PRF) Silvinei Vasques.

Ganhou o apelido de “Papudinha” apenas por ficar ao lado do Complexo Penitenciário da Papuda. A cela de Bolsonaro é a maior com área íntima reservada e uma equipe médica próxima sempre a postos.

Até agora, Moraes tem negado todos os pedidos de mudança do regime de detenção para prisão domiciliar.

Sérgio Cabral

Taxa de juros atual é aliada da oposição

Nessa terça (17) e quarta-feira (18/03) os membros do Copom, Comitê de Política Monetária, se reúnem no Banco Central para a macro análise econômico financeira do país e a definição da taxa básica de juros.

Hoje, a taxa básica de juros é pornográfica, indecente, antipatriota.

Não tenho dúvida que por mais que haja dados positivos da economia: inflação baixa, menor taxa de desempre-

go, além de um razoável crescimento do Produto Interno Bruto, a grande insatisfação da população é o custo do dinheiro.

As famílias estão endividadas em níveis impraticáveis e falimentares. As pequenas e médias empresas sufocadas: 15% de taxa básica de juros é escárnio com o povo brasileiro. É travar a economia. É boicotar as conquistas do governo.

Temo por uma redução covarde e mi-

xurca na taxa de juros de 0,25 ou 0,50% nesta reunião de amanhã e quarta-feira.

Tem que ser, no mínimo, de 1% a redução para que a economia ande um pouquinho mais veloz e desconcentre a pressão sobre a população brasileira. O atual patamar dos juros gera insatisfação no setor produtivo e nos trabalhadores formais e informais.

Não tenho dúvida que parte dos que, hoje, desaprovam o governo Lula

nas pesquisas recentes, têm nos juros pornográficos a principal razão.

Ainda há tempo de reverter esse quadro e fazer o país crescer sem nenhum risco inflacionário, argumento amedrontador usado pelos rentistas para manter a taxa de juros mais alta do planeta.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

Janine Brito*

Talento não tem gênero, mas o funil tem: o que os números revelam sobre liderança feminina no Brasil

No Dia Internacional da Mulher, costumo ouvir discursos sobre avanço, superação e protagonismo. Eles são importantes. Mas os números recentes do IBGE e do Ministério do Trabalho mostram que ainda estamos longe de uma estrutura verdadeiramente equilibrada.

No setor privado brasileiro, as mulheres ganham, em média, cerca de 21% a menos que os homens. Ocupam apenas 39,3% dos cargos de gerência. A taxa de participação feminina no mercado de trabalho é de 53,3%, bem inferior aos 73,2% masculinos. E há outro dado que raramente entra nas discussões estratégicas: mulheres dedicam, em média, 21,3 horas semanais a tarefas domésticas, quase o dobro do tempo

dos homens, que dedicam 11,7 horas.

Esses números não refletem falta de competência. Refletem um sistema que ainda distribui responsabilidades, oportunidades e reconhecimento de forma desigual.

Quando observamos a liderança corporativa, a pergunta persiste: por que ainda somos minoria nos cargos mais altos? A resposta não está na capacidade técnica ou na formação. Está no caminho até o topo.

A desigualdade começa na base. Uma taxa de participação menor significa menos mulheres no pipeline de liderança. Maior informalidade implica menos acesso a planos de carreira estruturados, mentorias e programas de de-

envolvimento. A sobrecarga doméstica reduz o tempo disponível para networking, qualificação adicional e exposição estratégica dentro das empresas.

Além disso, critérios de promoção ainda valorizam, muitas vezes, traços de visibilidade imediata em detrimento de consistência, capacidade de gestão e visão de longo prazo. Não se trata de ausência de ambição feminina, mas de ambientes que nem sempre oferecem regras claras e iguais para todos.

Quando mulheres ocupam apenas 39,3% das posições de gerência, o funil já está estreito muito antes da disputa por cargos executivos. O topo é apenas o reflexo de decisões acumuladas ao longo da trajetória profissional.

Precisamos tratar esse debate com maturidade. Igualdade não se constrói apenas com discursos inspiradores, mas com revisão de critérios, políticas de promoção mais transparentes e uma discussão franca sobre a divisão de responsabilidades dentro e fora das empresas.

Não é sobre capacidade. Os dados mostram que o problema é estrutural.

Enquanto não ajustarmos as bases que sustentam o mercado de trabalho, continuaremos discutindo os sintomas, e não as causas reais da sub-representação feminina na liderança.

***Presidente do LIDE Mulher Brasília e CEO do Grupo Pinheiro de Brito.**